

**A influência dos signos nas diferentes formas de expressão
sociocultural do ambiente do vídeo jôquei**

Guilherme Henrique de Oliveira Cestari

Este trabalho aplica a teoria dos interpretantes de Peirce à lógica do ambiente produzido pelo Vídeo Jôquei (VJ), para obter análise e compreensão das dinâmicas de representação e significação ali verificadas. O VJ pode ser definido como um indivíduo que conduz apresentações performáticas com base na articulação e projeção de conteúdo audiovisual, este material compõe o imaginário sociocultural urbano contemporâneo ao mesmo tempo que funciona como ferramenta de expressão identitária. O corpus deste estudo é constituído pelo registro de performances audiovisuais do *The Chemical Brothers*, grupo pioneiro na projeção de imagens em shows.

Palavras-chave: Vídeo Jôquei. Teoria dos interpretantes. *VJing*. *The Chemical Brothers*. Tecnologia.

A metrópole caracteriza-se pela multiplicidade, ambivalência e sincretismo social, cultural e tecnológico. Diversas linguagens e sintaxes dão forma a espaços de articulação midiática. As relações comunicacionais tendem a permear-se de tecnologia e virtualidade, tendendo à imaterialidade e à hibridez. Da intervenção no espaço público urbano emergem novas lógicas de expressividade, produção, vinculação e recepção imagéticas. O VJ (sigla para *Video/Visual Jockey*) articula conteúdos audiovisuais em tempo real, maneja formas¹ levando em conta visualidade, som, iluminação, arquitetura, corporeidade, tecnologia, cultura, ideologia e ritual. A performance videográfica, eminentemente efêmera e catártica, permite a concepção de identidades e sensações ubíquas e voláteis. Baseado técnica e estruturalmente na pragmática modernista, o *VJing* se apropria de recursos computacionais para propor colagens e narrativas fragmentadas. A estimulação, muitas vezes vertiginosa e convulsiva, proposta pelo VJ tem caráter ilusório, envolvente, imersivo e exige uma resposta corporal e sensorial. Racionalidade e objetividade do aparelho coexistem com o transe e a subjetividade das imagens projetadas em grandes telas.

O paradigma audiovisual sincrético, eletrônico, panorâmico e ambivalente do VJ faz-se presente em exposições artísticas, intervenções urbanas, festas, shows, na internet e na televisão, lugares frequentemente destinados ao entretenimento e à expressão de personagens e referências advindos da indústria cultural. Desorientadora, impactante e emocional, a imagem do VJ não contempla apenas expressão pessoal, mas, conforme a ocasião, exige que o VJ atenda a demandas e anseios de públicos específicos, além de presumir conhecimentos e responsabilidades acerca dos aparatos técnicos e do impacto social inerentes à apresentação. Imagens cotidianas e de entretenimento parecem, à primeira vista, banais, despreocupadas e descompromissadas, no entanto, é conveniente

¹ Os métodos de construção poética por meio de articulações intertextuais são esclarecidos por Panichi e Contani (2003).

uma preocupação com possíveis intencionalidades dos conteúdos vinculados neste campo, uma vez que os estímulos têm potencial para influir na formação de valores, opiniões, hábitos e condutas. Frequentadores do ambiente do VJ são apenas a instância de influência direta das imagens ali articuladas; para os eventos e exposições acontece uma mobilização social, ainda que não haja contato direto com determinado tipo de linguagem, indiretamente toda uma comunidade convive com o trabalho do *Visual Jockey*. Signos e experiências misturam-se e transitam pela rede complexa e descentralizada proposta pelo VJ. O caráter criativo e experimental do *VJing* permite que técnicas, efeitos e modelos de criação sejam concebidos ou aprimorados.

O VJ constitui vínculos comunicacionais, interferências que, por meio de um vocabulário e de um arquivo, evocam ideias, experiências e memórias: a linguagem do VJ, predominantemente multissensorial, polifônica e intertextual, é passível de construção poética. Por meio da comparação e, posteriormente, da análise das imagens articuladas em uma apresentação musical, pretende-se verificar como operam as relações sógnicas nesta ocasião. Temas e valores presentes na performance do duo de *Disc Jockeys* ingleses *The Chemical Brothers* serão comparados com a abordagem do grupo alemão de música eletrônica *Kraftwerk*. Em ambos os casos não há somente música, estímulos visuais e luzes estroboscópicas participam da ambientação. Estabelecidas aproximações e distinções, selecionar-se-ão e analisar-se-ão momentos do show dos DJs britânicos. Da experiência instantânea à apresentação memorável, da sensação potencial à argumentação lógica, da estranheza à ritualização, verificar-se-ão de que maneiras as mensagens e temas articulados podem influenciar o cotidiano do público e da sociedade. A atuação do VJ prescinde responsabilidade ao selecionar imagens e inseri-las num contexto, daí o viés antropológico da performance videográfica. Aliados a fundamentos da antropologia da imagem, conceitos da semiótica peirceana serão úteis para identificar, descrever e analisar os procedimentos e decisões de caráter ético, estético e lógico que acontecem antes, durante e depois da apresentação frutiva. Teorização e construção diagramática podem contribuir para entender o lugar de olhar, audição e consciência diante das metáforas sinestésicas concebidas pelo *Visual Jockey*. No *VJing*, tecnologia, linguagem, poética, performance, arquitetura, urbanismo, arte, design e comunicação social incidem sobre corporeidade, pensamento, cultura, política e comportamento, e vice-versa.

O presente artigo apresenta diretrizes e pressupostos para o desenvolvimento de uma dissertação de pós-graduação *stricto sensu* a ser apresentada até fevereiro de 2014, vinculada ao programa de mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. A área de concentração é Comunicação Visual e a linha na qual a pesquisa se insere é denominada Imagens e linguagens, que estuda os processos codificadores das linguagens de imagem em diversos suportes. Identificar, descrever e analisar produções e interações entre público e VJ presume lidar com estruturas heterogêneas e complexas de ordem sensorial, corporal, emocional, ética, lógica, mnésica, identitária, ecológica, sincrética e sintética. A imagem desempenha o papel de interferência parcial, presença de uma ausência, mecanismo tensionante, intenção formalizada. A objetividade, essencial ao entendimento e à interiorização de uma imagem, pode ser vista como uma modalidade da subjetividade, estado de apreensão mais abrangente e ubíquo.

Ambientes e poéticas do VJ

Canevacci (1990) propõe diagnósticos e tendências da lógica pós-industrial. A contemporaneidade suscita dissolvências, imaterialidades, desconstruções e incertezas. Diante do sincretismo urbano, para que sejam legitimados ética e logicamente, saberes e linguagens tendem a se tornar híbridos, plurais, multifacetados. Sugere-se, para o estudo antropológico da sociedade contemporânea, a concepção de modelos rizomáticos e constelares de conhecimento. É conveniente que preocupações e problematizações ecológicas permeiem os contextos comunicacionais, uma vez que influem na constituição de ecologias acerca do corpo, do pensamento e do espaço. Imagem e signo, por meio do olhar, influem na percepção e na ontologia corporais.

Lógica e linguística respaldam o estudo dos processos de significação e contribuem para o entendimento da construção poética do *Visual Jockey*. Nas composições formais e conceituais publicizadas pelo VJ pode-se identificar relações entre paradigma (informação, estímulo, particularidade) e sintagma (continuidade e contiguidade entre um conjunto paradigmático). O gerenciamento de informações na performance audiovisual presume, além de conhecimentos técnicos, sensibilidade estética, articulação intertextual, fluência argumentativa e improviso. Bricolagem, fragmentação e reapropriação são características da imagem performática audiovisual. Durante uma apresentação o concreto hibridiza-se temporariamente com vibrações luminosas e sonoras; ilusões² iluminam, virtualizam, imaginam e ressignificam o sólido, o VJ, por meio de sua poética, propõe novos olhares ao cotidiano: personagens, temporalidades e espacialidades inovadores interferem na materialidade da urbe, que, de certa forma, redescobre-se.

Espaço e poética do VJ trabalham com alto grau de conotação. Na constituição de imagens virtuais, panorâmicas e simuladoras, denotativo e literal são atrofiados em prol de signos e costumes culturalmente convencionados. Domingues (2009) reflete acerca das interfaces e poéticas híbridas³, como também sobre suas potencialidades e impactos políticos, econômicos, sociais e culturais. O discurso mítico é manifestação cultural e, portanto, conotativo. A articulação simbólica revela instâncias e narrativas emocionais e míticas na apresentação do VJ. As associações que acontecem na apresentação audiovisual performática são relativamente caóticas e imprevisíveis, a rede complexa de informações inaugura espaço-temporalidades técnicas e lúdicas. Caillois (1990) e Canevacci (1990) dissertam sobre o papel da máscara na ambientação ficcional e ritualística. A máscara, materialização de um paradigma identitário ideal, portátil, cambiante e atemporal, contribui para a constituição de espaços comunicacionais polifônicos, ilusórios e imersivos. *Mimicry*, incorporação de identidades e memórias externas, e *ilynix*, alteração de percepção da realidade por meio do uso de substâncias alucinógenas e/ou da profusão luminosa, colaboram para experiências extáticas, catárticas e transcendentais. Máscara, transe, emotividade e aproximações sinestésicas influem sobre percepção e mentalidade urbanos;

² O termo ilusão advém do latim, *in ludo*, ou seja, colocar em jogo, submeter algo a determinadas regras, distanciar, alienar.

³ Domingues (2009) utiliza o termo “híbrido” para se referir a um conteúdo ou objeto presente em plataformas híbridas em relação ao espaço virtual e ao mundo real.

estes estímulos interferem na convivência rotineira, suscitando novos olhares, opiniões e pensamentos: há algo de jovial, experimental, irracional e transgressor na imagem do VJ. Diante da breve contextualização, a semiótica peirciana respalda a teorização e crítica dos processos de representação e interpretação que acontecem antes, durante e após a performance videográfica.

Teoria dos interpretantes

A aplicação da Semiótica à atividade do VJ traz à tona questões filosóficas. Longe de configurar apenas um modelo de análise, a Semiótica refere-se à existência do ser e do pensamento diante da realidade, tal pressuposto permite aprofundar as reflexões acerca do ambiente do VJ. É possível conceber o *VJing* como matriz para relações existenciais. Além do mero entretenimento, o espaço lúdico, mítico e tecnológico pode ser pensado como um modo de produção de subjetividade e, além disto, um jeito próprio de colocar-se diante do outro, do desconhecido, da natureza e da realidade. Como estruturas organizacionais generativas, imagens sincréticas e híbridas projetam-se num panorama transdisciplinar. A Semiótica tem seu corpus no comportamento dos signos. Um signo, sob a ótica peirciana, é aquilo que representa alguma coisa para alguém em algum contexto. Brevemente: no ambiente do VJ, as imagens por ele articuladas produzem um efeito sob os participantes. A partir desta formulação elementar, propõem-se teorizações acerca dos possíveis e prováveis tipos de influência das imagens no comportamento dos ocupantes-receptores.

Silveira (2007) introduz noções e aplicações ligadas à Semiótica, ciência que problematiza as relações de aprendizado por meio da experiência e reconhece que estas dinâmicas não constituem meros atos de causa e efeito. Subjetividade e individualidade são fatores importantes para a compreensão de tais relações. A comunicação, condição *sine qua non* para que haja experiência e aprendizado, presume diferenças, nuances formais. A semiose não depende de instâncias congregadoras, dá forma à realidade caótica originando padrões de codificação sem que haja a necessidade de um núcleo. Da mera potencialidade e achismo à previsibilidade razoável acontecem relações conscientes e inconscientes entre ser e realidade. Os contínuos diálogos entre experiência e conduta produzem pensamentos e abstrações eminentemente falíveis, passíveis de erro e, por isso, aperfeiçoáveis. Memória, identidade, ciência e tecnologia estão diretamente ligados à apreensão, formulação, reconstituição e tradução sógnicas, portanto, presumem semiose. O Diagrama, estrutura formal desenvolvida com base na experiência e no aprendizado, é sempre passível de aperfeiçoamento. Seu grau de especificidade e codificação relaciona-se com a necessidade que o ser possui de apropriar-se do fenômeno real referido no Diagrama. O Diagrama é uma imagem mais ou menos codificada da realidade, sem ele, é impossível a existência, pois não há codificação e organização. Quanto mais analítico e detalhado, mais parcial e específico será o Diagrama. A realidade pura é inconcebível, infinita e contígua. O Diagrama diz respeito a um recorte específico e pontual do real, problematiza e limita o mundo real para torná-lo acessível, compreensível.

O raciocínio diagramático permeia o manejo de estímulos e conceitos. O VJ se utiliza de processos e Diagramas para constituir, formalizar, articular e publicizar um repertório. A imagem pronta e definitiva não tem grandes contribuições ao *VJing*, pelo contrário, a performance audiovisual diz respeito ao ciclo de desconstrução e reestruturação de figuras fugidias, envolventes e permanentemente inacabadas. O funcionamento do

Diagrama admite improviso, abertura, subjetividade e emotividade, componentes de um contínuo processo de criação. Por vezes, um signo com alto grau de racionalização e especificidade é realocado pelo VJ, que o degenera, transformando num estímulo predominantemente emocional, qualitativo e potencial. A tríade que embasa as relações semióticas permite a formação de redes de significação, nas quais diferentes forças e elementos articulam-se de maneira a originar cenários complexos e interdependentes de representação, existência e interpretação. Distinguem-se três atuações distintas do signo: o signo em relação a ele mesmo (representamen), o signo em relação ao objeto representado e o signo em relação às ideias produzidas na mente do leitor (interpretante).

O representamen é o signo em si: algo que representa alguma coisa para alguém. É mediador por natureza, estabelece as conexões entre objeto e leitor. Para que estas relações sejam bem sucedidas, o signo precisa de uma ligação com o objeto, seja ela pautada por uma mera semelhança, por uma relação causal ou temporal ou por regras, leis, convenções ou acordo preestabelecidos. O representamen é a instância mais aberta do processo de representação, não presume existência material. Por contemplar as potencialidades do objeto, a atuação do representamen não é específica ou pontual. A primeiridade, momento da semiose mais evidente no representamen, tem como características a formulação hipotética, a novidade e a coexistência de múltiplas possibilidades.

O objeto é algo a que o signo se refere, aquilo que será referenciado pelo representamen tendo em vista o interpretante. É a manifestação fenomenológica a ser evidenciada a uma mente por meio de um signo. O signo empresta características do objeto para representá-lo, mas nunca será o próprio objeto em sua complexidade. A secundidade, conceito do processo semiótico evidente no objeto, presume ação, acontecimento e manifestação no real. Manifestar-se no real, para Peirce, abrange mais que um fenômeno puramente material e palpável, presenças e rastros virtuais ou mentais também são reconhecidos como interferências na realidade.

O interpretante são as ideias sobre o objeto que se formaram na mente do leitor por intermédio do representamen. Por configurar uma etapa mais avançada no processo de semiose, as variantes do interpretante (permeado pela terceiridade) dependem diretamente da configuração do objeto (secundidade) e indiretamente da disposição do signo (primeiridade). A partir de combinações entre potencialidades extrai-se um acontecimento, da observação de diversos fenômenos formula-se uma regra ou lei. No processo em que participa da determinação de conduta de um sujeito, Peirce sugere duas classificações para o interpretante, a primeira delas propõe o interpretante imediato, o interpretante dinâmico e o interpretante real ou normal. O interpretante imediato é aquele contemplado diretamente no signo, é literal e oferece novas e diferentes potencialidades de leitura. O interpretante dinâmico é a expressão das interpretações uma vez realizadas que, mesmo algumas vezes contraditórias, formam um conjunto real das apropriações do signo que já aconteceram. O interpretante real pretende, a partir do interpretante dinâmico, identificar e estabelecer padrões, hábitos e regras para interpretações futuras.

A segunda classificação dos interpretantes proposta por Peirce presume interpretante emocional, interpretante lógico e interpretante energético. Esta teorização não deslegitima ou invalida a primeira, mas complementa e auxilia em sua compreensão e aplicação. O interpretante emocional se refere a ocasiões em que a configuração do

representamen suscita um sentimento ou emoção no sujeito. Neste caso, o representamen não é necessariamente externo, mas pode também resultar de especulações e pensamentos interiores ao indivíduo. A primeiridade se manifesta no interpretante emocional porque as emoções abrem caminho para uma infinidade de atos concretos, que, devido ao seu caráter meramente potencial, não serão obrigatoriamente realizados. O interpretante energético atua quando a emoção ou o sentimento convertem-se em atitudes que exigem o mínimo de iniciativa, esforço, dedicação e energia por parte do sujeito. A sensação faz com que o indivíduo tome uma atitude, adéque-se ou corresponda ao que foi percebido. A secundidade permeia o interpretante energético, uma vez que este se refere à realização de uma ação, acontecimento ou interferência. O interpretante lógico, no qual a terceiridade apresenta-se com maior vigor, diz respeito à percepção de padrões e à configuração de hábitos e costumes. Quando atua, observações e articulações simbólicas originam argumentos. Peirce confere certa autonomia ao raciocínio lógico, que é capaz de autoestruturar-se e produzir signos e redes mais complexos que ele próprio.

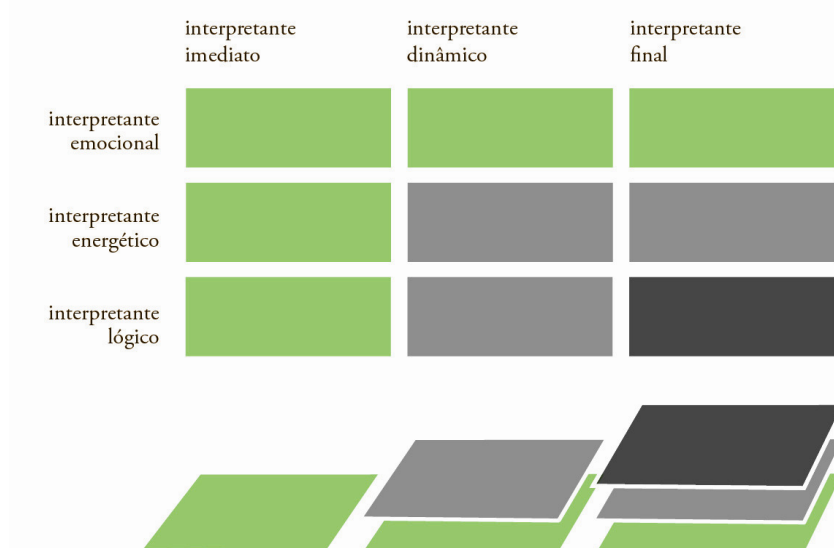


Figura 1: Subdivisão dos interpretantes.

Fonte: Adaptado de Silveira (2007, p.55).

A região verde do gráfico refere-se às relações de plena primeiridade. Emoção e sentimento predominam, constituindo um estado de apreensão potencial, insustentável por um longo período. As primeiras apreensões e sensações estéticas fundamentam os desdobramentos energéticos, típicos da secundidade. A área cinza-claro é relativa à instância de secundidade. Plenamente fenomenológica e energética, a ação deriva de uma potencialidade e exige esforços e dedicação físicos e/ou mentais para realizar-se. O argumento lógico se manifesta apenas no trecho cinza-escuro, no qual o fenômeno energético converte-se em hábito.

Descrição e análise

Considerando pressupostos da antropologia da imagem urbana, a partir dos tipos de interpretante e argumento estabelecidos por Peirce, elaborar-se-á uma fórmula conveniente ao estudo de poéticas híbridas e multissensoriais, como a do VJ. A formulação teórica a partir do diagrama confere objetividade à análise. É conveniente a utilização de recursos infográficos para a estruturação deste tipo de conhecimento. A metáfora visual concebida até então contempla as etapas da recepção e da interiorização do signo (eixo paradigmático) na forma de camadas sucessivas; por sua vez, o eixo sintagmático, que se refere à continuidade cíclica do processo, é representado numa estrutura espiralizada.

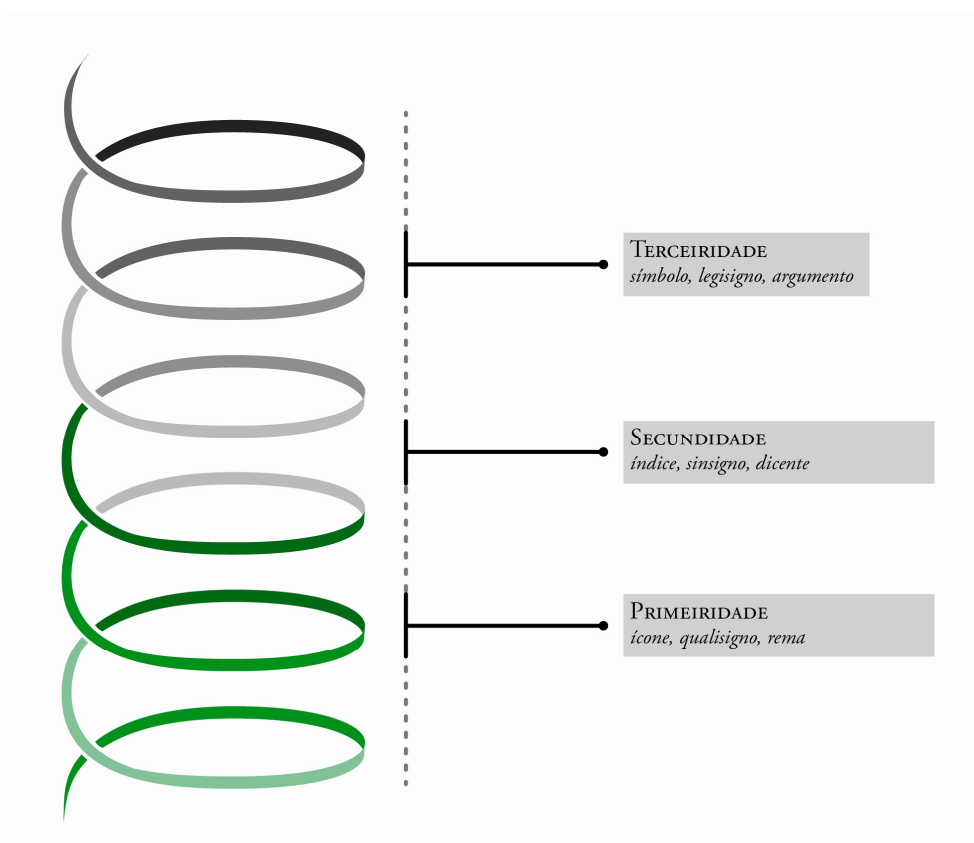


Figura 2: Diagrama espiral para mapeamento das relações semióticas.

Fonte: Própria.

A comparação entre fenômenos contribuirá para uma descrição global do corpus. A proposta é identificar congruências e divergências entre as interferências multissensoriais e poéticas do *Kraftwerk*, grupo alemão pioneiro na música eletrônica, e do *The Chemical Brothers*, duo britânico reconhecido na cena internacional de performances eletrônicas e videográficas. Apesar de lidarem com música a partir de instrumentos elétricos e digitais, são diferentes suas abordagens temáticas, resultando em identidades e manifestações audiovisuais distintas. *Kraftwerk*, surgido em 1970, atualmente com quatro integrantes, lida

com assuntos relacionados diretamente à relação do homem com ciência e tecnologia⁴, além de compor um discurso metalinguístico ao evidenciar formas e processos de construção da musicalidade⁵. *The Chemical Brothers*, constituído na Inglaterra no fim da década de 1980, discursa sobre emoções, sensações, além de viagens e visões alucinógenas⁶. Aspectos mágicos da técnica, da tecnologia e da indústria permeiam a obra da dupla britânica⁷. Figuras e recursos de linguagem como metáfora, metonímia e anáfora são comuns na produção de ambos. Texto, visualidade, sonoridade, iluminação, corporeidade e tecnologia operam simultaneamente para trazer à tona paisagens sinestésicas e dimensões simbólicas, linguísticas e lúdicas do espaço e do tempo. A iniciativa descritivo-comparativa pretende destacar a diversidade de atuações e abordagens na música e visualidade eletrônicas.

A análise se aprofundará em trechos de uma apresentação do *The Chemical Brothers*, dupla de DJs que se utiliza da visualidade em diversas plataformas midiáticas antes, durante e depois dos shows para compor e referenciar identidades e memórias. O corpus será examinado de acordo com a teorização e com a etapa descritivo-comparativa. Devido à profusão de imagens e estímulos fugazes, uma análise aprofundada do ambiente do VJ não pode ser feita somente durante a performance, o estudo detalhado prescinde de um registro para que o pesquisador possa pausar e observar demoradamente as relações sintáticas e a reação do público presente. O documentário musical *Don't think* foi gravado no Japão no fim de 2010, exibido nos cinemas e lançado em CD e DVD no início de 2012. Este material permite a análise minuciosa tanto das imagens vinculadas num show do *The Chemical Brothers* quanto da reação do público. Tem-se consciência de que a documentação e edição de um fato não equivalem literalmente ao fenômeno real, mas são carregados de parcialidade e intencionalidade. Assim sendo, a análise levará em conta recursos de câmera e de montagem inerentes ao próprio documentário.

Intenções e desdobramentos

Estimular a reflexão acerca de imagens, ambientes e pensamentos híbridos contribui para o amadurecimento das relações entre expressão, atividade projetual e tecnologia. Conceitos, modelos e diagramas estabelecidos nesta pesquisa poderão ser utilizados por pesquisadores, artistas, designers e comunicadores sociais para analisar e compreender, em casos específicos, o funcionamento de nuances formais, de recepção e de interpretação

⁴ A título de exemplificação, confira as seguintes composições musicais, bem como seus respectivos vídeos e letras traduzidas: *The man-machine*, *Elektro Kardiogramm*, *The robots*, *Radioactivity*, *Metropolis*, *Space station*, *Showroom dummies*, *Pocket calculator* e *Computerworld*.

⁵ Confira as seguintes composições musicais bem como seus respectivos vídeos: *Musique non stop*, *Planet of visions* e *Aero dynamik*.

⁶ Confira as seguintes composições musicais, bem como seus respectivos vídeos e letras traduzidas: *Star guitar*, *Let forever be*, *Swoon*, *Midnight madness*, *Don't think* e *Just get yourself high*.

⁷ Confira as seguintes composições musicais, bem como seus respectivos vídeos e letras traduzidas: *Galvanize*, *Believe* e *Horse power*.

sígnica. Debates acerca das traduções e correspondências sociais, éticas e lógicas produzidas pela estética do entretenimento permitem aproximações críticas e pontuais sobre os ambientes de diversão e descontração. Interferências no raciocínio urbano têm potencial para fundar novas ecologias do espaço, da mente e da mídia. A imagem do VJ confere novas formas à cidade, realoca indivíduo e tecnologia diante da arquitetura e da multidão. Além do êxtase e da catarse momentâneos, é importante que o VJ, consciente dos processos semióticos contemplados na comunicação, proponha articulações críticas, criativas e sustentáveis.

Referências

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DOMINGUES, Diana (org.). **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PANICHI, Edina; CONTANI, Miguel L. **Pedro Nava e a construção do texto**. Londrina: EDUEL; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SILVEIRA, Lauro F. B. da. **Curso de semiótica geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.